

LETRAMENTO CARTOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM PERCURSO POR ENTRE MAPAS E FABULAÇÕES

Juliano Torezani Tonon¹

Shellen de Lima Matiazzi²

Resumo

Este artigo apresenta o debate sobre a letramento cartográfico, tomando como pressuposto as múltiplas linguagens como indispensáveis ao trabalho pedagógico na educação infantil. Recorre às legislações e outros documentos orientadores da educação infantil para fundamentar a importância da articulação entre o cuidar, educar, brincar e interagir como elementos estruturantes e necessários aos processos de ensino e aprendizagem. Fundamenta-se em autores como Gobbi (2010), Juliasz (2017), Castellar (2010), Cavalcanti (2017), Duarte (2021) e outros para aprofundar o debate sobre as infâncias, a educação infantil e a aprendizagem a partir do letramento cartográfico na primeira etapa da educação básica, fomentando a importância de contextos lúdicos e investigativos para o desenvolvimento das ações pedagógicas na educação infantil, que contribuem para o processo de construção do conhecimento e das diversas formas de manifestação das crianças pequenas. Utiliza-se da metodologia da pesquisa-ação para evidenciar a relação entre ação, reflexão e novas proposições, com base na escuta sensível das crianças e suas formas de manifestação. Como resultados, apresenta possibilidades de trabalho com letramento cartográfico com base em experiências docentes compartilhadas entre professores da pedagogia e geografia com crianças de 4 e 5 anos matriculadas em uma turma de educação infantil.

Palavras-chave: Letramento cartográfico; Educação Infantil; Cartografia; Geografia.

Abstract

This article presents the debate on cartographic literacy, assuming multiple languages as essential to pedagogical work in early childhood education. It uses legislation and other documents guiding early childhood education to substantiate the importance of the articulation between caring, educating, playing, and interacting as structuring and necessary elements for the teaching and learning processes. It is based on authors such as Gobbi (2010), Castellar (2010), Cavalcanti (2017) and others to deepen the debate on childhood, early childhood education and learning from cartographic literacy in the first stage of basic education, promoting importance of playful and investigative contexts for the development of pedagogical actions in early childhood education, which contribute to the process of building knowledge and the different forms of manifestation of young children. The methodology of action research is used to highlight the relationship between action, reflection and new propositions, based on sensitive listening to children and their forms of expression. As results, it presents possibilities for working with cartographic literacy based on teaching experiences shared between pedagogy and geography teachers with children aged 4 and 5 enrolled in an early childhood education class.

Keywords: Cartographic literacy; Child Education; Cartography; Geography

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProfGeo/UERJ).

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES).



PARA COMEÇAR A CONVERSA...

O presente estudo busca ampliar o debate acerca do letramento cartográfico na educação infantil, considerando que nesta etapa da educação básica o trabalho pedagógico desenvolvido junto às crianças de 0 a 5 anos de idade está fundamentado nas interações entre os diferentes sujeitos e nas brincadeiras, inerente ao universo infantil. Articula-se esses dois eixos norteadores aos processos de ensino e aprendizagem com base nas múltiplas linguagens. Nesse cenário, reconhecemos que estas são formas de expressão das crianças “[...] com as quais constroem a si mesmas e as culturas nas quais estão inseridas, levando-as ao encontro entre palavras, choros, sons, movimentos, traçados, pinturas, todos imbricados em ricas manifestações” (Gobbi, 2010, p.1), o que evidencia a importância da interação e articulação entre essas linguagens para o processo de apropriação e construção de conhecimentos por elas.

Dessa maneira, o presente artigo tem como finalidade evidenciar possibilidades de desenvolvimento do trabalho pedagógico na educação infantil com base no letramento cartográfico, considerando os contextos brincantes, a produção de cenários e as fabulações como estratégias para a apropriação de conceitos e conhecimentos sobre a Geografia pelas crianças.

A experiência alfabetizadora em Geografia e cartografia, na educação infantil, para que seja efetiva, é necessário que os agentes envolvidos enxerguem que as crianças pequenas são produtoras de conhecimento e que a ciência geográfica pode ser desenvolvida nesta etapa da educação, a partir do trabalho com elementos que concretizem a toponímia do espaço, isto é, as experiências vividas pelas crianças no espaço a que elas estão inseridas e constroem juntamente com os adultos. Os princípios do raciocínio geográfico como a localização, a distribuição e a diferenciação são plenamente possíveis de serem desenvolvidos neste segmento educacional, a partir de perguntas, construção de maquetes, desenhos, leituras de mapas, de fotografias e de imagens.

CONCEITOS EM DEBATE

O letramento cartográfico é uma abordagem essencial para manifestar a compreensão espacial e habilidades de interpretação dos fenômenos espaciais que se desenvolvem no ambiente social e natural e na inter-relação entre ambos. A partir de instrumentos cartográficos,

como mapas, maquetes, desenhos, gráficos, tabelas, croquis representa-se a espacialidade dos fenômenos, possibilitando um olhar geográfico para interpretação da realidade.

Esse conjunto de habilidades possibilitadas a partir do letramento cartográfico são plenamente possíveis de serem iniciadas na etapa escolar da Educação Infantil, ou seja, já nos primeiros anos de desenvolvimento do aprendizado é fundamental oportunizar as crianças pequenas de entrarem em contato com o código linguístico cartográfico/geográfico, para que, em conjunto com as demais formas de linguagem, estimule o desenvolvimento do pensamento espacial.

Por letramento cartográfico, compreendemos que tal processo consiste na decodificação dos elementos presentes nas representações espaciais dos fenômenos, como as cores, as linhas, os símbolos, a métrica, a escala, o título, a orientação entre outros. Os mapas e as demais representações espaciais são uma forma de comunicação e assim como aprendemos a ler e a escrever, também precisamos aprender a ler os mapas e deles extrair as condições necessárias para a compreensão do ordenamento espacial e sua estruturação.

Proporcionar o desenvolvimento do letramento cartográfico desde a Educação Infantil permite às crianças um estímulo ainda maior ao senso investigativo, à curiosidade científica e pelo conhecimento acerca do seu lugar enquanto espaço vivido e a futura compreensão de que somos parte do espaço e que este espaço é carregado de intencionalidades. De acordo com Castellar (2019?),

Ensinar a ler, em Geografia, significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido. Ensinar a ler o mundo é um processo que se inicia quando a criança reconhece os lugares, conseguindo identificar as paisagens. Portanto, observar, registrar e analisar são processos que estão relacionados com o significado de ler e de entender, desde os lugares de vivência até aqueles que são concebidos por ela, dando significados às paisagens observadas, pois na leitura se atribui sentido ao que está escrito (Castellar, 2019?, p. 1).

A partir dessas considerações, entendemos que o letramento cartográfico desenvolvido e estimulado desde a Educação Infantil, permitirá à criança atribuir significado a elementos de seu cotidiano que, em conjunto, formam a paisagem e o espaço. Quando nos referimos a uma atribuição de significados, estamos nos referindo às habilidades cognitivas que são amplificadas a partir da Cartografia/Geografia, como a observação que é o ponto de partida para a identificação da localização dos lugares e dos elementos da paisagem.

A curiosidade é algo inerente às crianças pequenas. Logo, o estímulo à observação a partir de instrumentos cartográficos, como os mapas, pode se constituir numa importante estratégia metodológica para o trabalho científico em conjunto com o ato de brincar na tenra

idade, uma vez que, na primeira etapa da educação, não há um conteúdo sistematizado de Geografia no currículo, pois há outros pressupostos no segmento em questão. Contudo, isso não inviabiliza o trabalho com a Geografia, pois “ [...] tudo na vida humana começa e se resolve nas práticas espaciais” (Moreira, 2017, p. 27), assim, desde a infância vamos nos constituindo como seres sociais e espaciais e à medida que nossa cognição vai amadurecendo nossa percepção espacial se amplia, bem como nossa condição de interferência na realidade.

Nesse ínterim, destacamos que “[...] o que caracteriza o espaço percebido são as relações espaciais elementares, sendo que a principal é a de *vizinhança*” (Almeida; Juliasz, 2014, p. 35, grifos do autor) e tal percepção abre caminhos para o desenvolvimento do pensamento espacial a partir do uso pedagógico do mapa como um meio de se explorar a escola, o bairro e até os lugares imaginários, conforme evidenciamos em outra passagem:

Ao longo da escolaridade formal, a representação do espaço, os princípios geográficos e noções espaciais e cartográficas podem ser mobilizadas desde a Educação Infantil, de tal modo que a criança desenvolve o pensamento espacial, tornando-o mais complexo quando relacionado aos conhecimentos escolares e sistematizados na escola (Juliasz, 2019, p. 246).

Ao discutirmos o letramento cartográfico e sua importância desde os trabalhos na Educação Infantil, faz-se necessário salientar, mesmo que não profundamente, a discussão que envolve o termo “alfabetização cartográfica” em contraponto ao termo “letramento cartográfico”.

No campo da linguística e educação, letramento e alfabetização são compreendidos como processos diferentes e ambos são fundamentais no processo de aprendizado da leitura e escrita. Por alfabetização, compreende-se o processo de aquisição das habilidades básicas de leitura e escrita. Envolve conhecer as letras, decodificar as palavras e entender as regras gramaticais. Quando uma criança domina o sistema de escrita e é capaz de ler e escrever, dizemos que ela está alfabetizada.

O letramento, por sua vez, consiste em um conjunto de práticas sociais relacionadas ao uso da língua escrita. Envolve a interpretação, aplicação e domínio da leitura e escrita em diferentes contextos. Assim, o indivíduo não apenas lê e escreve, mas também compreende, reflete e se expressa de forma compreensível (Soares, 2004).

Neste trabalho pedagógico/geográfico, adotamos o termo letramento cartográfico, mas sem, necessariamente, considerá-lo como um aprofundamento da alfabetização cartográfica.

Entendemos que os estudantes inicialmente precisam decodificar os códigos cartográficos para posteriormente se apropriarem da linguagem como um todo, possibilitando que os mapas e demais instrumentos de representação espacial possam ser apreendidos, conforme nos apresenta Castellar (2019?),

O entendimento que temos dessa matriz teórica nos permite considerar que em Geografia, a leitura da paisagem e dos mapas não é apenas uma técnica, mas se utiliza dela com o objetivo de dar à criança condições de ler e escrever o fenômeno observado, mas ao se apropriar ler compreender a realidade vivida, conseguir interpretar e compreender os conceitos que estão implícitos nele e, por isso, tomamos como referência teórica nessa discussão o termo letramento assim como é tratado no campo da Educação e da Ciência Linguística (Castellar, 2019?, p. 1).

Contudo, na sequência desta reflexão acerca de alfabetização e letramento cartográfico, nos deparamos com Duarte (2021, p. 112) que compreende que “[...] para a Educação Geográfica, a alfabetização cartográfica é um meio privilegiado para se atingir objetivos mais amplos da alfabetização espacial e da alfabetização ou letramento geográfico”. No fragmento exposto, o autor defende a ideia de que a alfabetização cartográfica visa o desenvolvimento de um pensamento com características particulares da Geografia em consonância com o desenvolvimento do pensamento espacial.

Juliasz (2019), a partir do pensamento de Paulo Freire (1967), entende que “[...] se a linguagem cartográfica tem como objetivo permitir que o aluno leia e escreva sobre seu território e que conheça outros lugares e que possa transcender os códigos de um mapa, lendo de forma crítica o mundo, podemos chamar o processo de alfabetização cartográfica” (Juliasz, 2019, p. 247).

Desse modo, apesar da escolha neste trabalho do termo letramento cartográfico, salientamos que, em nossa compreensão, não estamos considerando a alfabetização cartográfica como uma etapa anterior e, por isso, inferior ao letramento. Entendemos que ambos os processos se articulam e acontecem simultaneamente, sendo inerente que, no processo de desenvolvimento das ações pedagógicas, a apropriação dos códigos, concepções cartográficas eram abordadas junto às crianças, foram sendo delineadas outras ações para seus usos no cotidiano das atividades escolares.



CAMINHOS METODOLÓGICOS ADOTADOS

Como opção metodológica, recorreremos ao estudo qualitativo, em que buscamos evidenciar as potencialidades, desafios e novas proposições a partir da temática em análise, o letramento cartográfico na educação infantil.

O referido estudo utiliza-se da abordagem da pesquisa-ação, como mecanismo de interlocução, reflexão e proposições pedagógicas (Barbier, 2007), em que acompanhamos uma turma de crianças de 4 e 5 anos de uma escola de ensino infantil situada na cidade de Vitória-ES, no período de maio a dezembro de 2021, período de retorno às atividades escolares presenciais, considerando os processos de transição com rodízio de crianças em dias intercalados, grupos menores até a junção de todo grupamento, ao longo do período analisado. Ao longo desse período, vivenciamos, analisamos e planejamos ações a serem desenvolvidas junto à turma, fundamentadas no letramento cartográfico. Letramento este que corresponde ao “[...] uso social da linguagem cartográfica na implementação de conhecimentos da Cartografia para a interpretação do espaço de vivência” (Petsch, *et al.*, 2022, p. 15).

A proposta do referido estudo fundamentou-se na perspectiva de estabelecer uma relação entre pesquisa e docência, entendendo-a a partir de um processo reflexivo e dialógico, com base em uma epistemologia da prática. Com base no pensamento de Franco e Betti (2008), as ações propostas junto às crianças eram pensadas e, a partir da interlocução e das experiências vividas com elas, eram refletidas por nós, adultos e desencadeadas novas ações, buscando a prática da espiralidade: ação-reflexão-ação.

Nesse cenário, nossa investigação foi tomando uma dimensão formativa, uma vez que, à medida que estabelecemos o processo reflexivo, envolvendo as enunciações infantis e as práticas pedagógicas, o processo educativo foi se delineando, fundamentando os estudos e as novas ações, que levassem em consideração a interlocução entre o letramento cartográfico e as especificidades da educação infantil (Franco; Betti, 2018).

Assim, no decorrer das ações pedagógicas junto às crianças, foi preciso a interlocução com as famílias, nos processos de pesquisa e continuidade das proposições em casa, tendo em vista, ser um momento complexo de retorno às atividades escolares, em meio a pandemia de Covid-19. Além disso, recorreremos a instrumentos e metodologias diversas, utilizando recursos disparadores aos encontros com as crianças, como: vídeos, imagens, mapas, globo terrestre, marcadores/geolocalizadores, brincadeiras inventadas, figurinhas, entre outros.



Ainda, para a sistematização dos dados do referido estudo, utilizamo-nos de instrumentos, tais como: registros em diários de campo, fotografias e filmagens dos momentos vividos. Essa composição de uma documentação pedagógica, contribui para compreender os percursos vividos em sala de aula, bem como as aprendizagens decorrentes das experiências curriculares oportunizadas às crianças.

DAS VIVÊNCIAS NO ESPAÇO TEMPO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante o ano de 2021, com o retorno das crianças às atividades presenciais na educação infantil, após o período de afastamento das atividades escolares, estabelecemos reflexões e diálogos a partir das inquietações docentes, realizando o acompanhamento do trabalho pedagógico desenvolvido em uma turma de crianças entre 4 e 5 anos, matriculadas em uma escola de ensino infantil na cidade de Vitória-ES.

A partir dos estudos realizados com o grupo de crianças sobre os animais que vivem nos oceanos, nos deparamos com questões levantadas por estas, questionando sobre o que poderia ter nas profundezas das águas e como existem esses lugares muito profundos no oceano.

“ - tia, que bicho esquisito é esse no mar?” (criança A)

“ - Mas e as conchas, do que são feitas? (criança B)

“ - Por que os corais são coloridos?” (criança C)

Com base nessas questões, a professora e as crianças decidiram investigar a Fossa das Marianas. Assim, utilizaram o globo terrestre como um recurso que pudesse ajudar a compreender a localização espacial e, ao mesmo tempo, a fazer novas investigações, delimitando continentes e oceanos.

A turma embarcou em uma viagem nos oceanos, descobrindo alguns mistérios sobre as conchas, os corais e buscando investigar sobre as diferentes espécies e tantas outras formas de vida que existem na água, por meio da pesquisa de imagens fotográficas, vídeos e rodas de conversas.

Para fazer essa viagem, recorremos à leitura de mapas, como forma de traçar as cartografias e os percursos com as crianças, trazendo sentidos a esse instrumento, que se faz presente na história das navegações. Nessa ação, buscamos estabelecer novos conhecimentos, apresentando às crianças o conceito de continente e oceano e a localização destes no mapa.



Foto 1: Leitura de mapa com as crianças

Fonte: Acervo dos autores, 2021

Quando uma das crianças perguntou: “tia, o que é essa florzinha aqui no mapa?” (criança F) referindo-se a rosa dos ventos. A partir da questão apresentada, foi possível trabalhar com as crianças alguns signos presentes no mapa, como escala e também o conceito de localizadores, com marcadores que identificam onde estamos e aonde queremos chegar. Ao falarmos sobre a rosa dos ventos, explicamos sobre os sentidos da localização e, posteriormente, desenvolvemos uma brincadeira com as crianças, denominada “para onde o peixinho correu”, trabalhando conceitos de posição e lateralidade, utilizando-nos dos termos norte e sul, leste e oeste presentes na rosa dos ventos.

Brincar com os conceitos nos leva a fabular com as crianças, que consiste nos modos pelos quais entramos em relação com elas, como convites à imaginação, despertando uma força inventiva que permite que elas se interessem por um determinado conhecimento e, ao mesmo tempo, possam atribuir sentidos a partir das experiências da infância, produzindo outros novos saberes (Carvalho; Gonçalves, 2021).

Assistir ao filme “Procurando Nemo” (Pixar, 2003) teve um outro sentido após tantas pesquisas, para as crianças e nós, adultos, haja vista a história do peixinho que, ao ser capturado no coral em meio ao Oceano Pacífico, é levado para Sidney, na Austrália. Essa atividade nos possibilitou investigar sobre as correntes marítimas junto às tartarugas, sobre os animais existentes nesse percurso, conhecendo e ampliando o repertório imagético e vocabular conforme as espécies que fomos descobrindo, tais como: polvo-véu, peixe dragão, entre outros, além disso, a apropriação de conceitos geográficos, com base na leitura dos mapas, como ilha, continente, oceano (e suas diferenciações, Pacífico, Atlântico). Após esse momento, fizemos o “Mapa de Viagem da Turma do grupo 5”, conforme pode-se evidenciar na imagem a seguir.



Foto 2: Mapa das espécies produzido pelas crianças

Fonte: Acervo dos autores, 2021.

A partir dos conhecimentos geográficos apreendidos e, com base nas atividades desenvolvidas e na interlocução com o filme “Procurando Nemo”, buscamos aproximar as aprendizagens ao cotidiano das crianças, considerando o espaço tempo vivido por elas na escola.

Em umas das conversas com as crianças sobre a fossa das Marianas e o caminho percorrido pelas tartarugas, uma das crianças questionou: “tia, tem tesouro no Oceano Pacífico?” (criança D) e a outra, intrigada respondeu: “ eu vi, que o pirata pegou o tesouro!” (criança A). A curiosidade e, ao mesmo tempo, o modo de pensar das crianças, sob um viés lúdico e de encantamentos, nos leva a fabular com elas. A partir de suas fantasias, vamos construindo possibilidades de apresentar-lhes novos conhecimentos.

Dessa maneira, com base na história do pirata Barba Negra, “fabulamos” uma brincadeira do caça ao tesouro, em que o personagem deixou um mapa perdido e as crianças deveriam seguir as pistas que levariam ao mapa e, após fazerem a leitura do referido instrumento, deveriam descobrir onde o tesouro estava escondido. Para Juliasz (2017, p. 17) esse momento é fundamental, uma vez que possibilita às crianças “[...] o desenvolvimento de habilidades cognitivas que estimulam o pensamento espacial e as formas de representação”, de modo que essas atividades mobilizam o raciocínio espacial, com base em uma aprendizagem significativa.

Para tanto, as crianças seguiram as pistas, percorrendo os lugares da escola, como refeitório, sala das pedagogas, sala de arte e o pátio próximo a entrada da unidade de ensino. Ao encontrarem o mapa, uma aluna exclamou: “gente, o tesouro está no pátio dos fundos!” (criança E), referindo a um determinado ambiente. Tal atividade, proporcionou compreender

que, além de se apropriarem do espaço escolar, as crianças desenvolveram a compreensão do espaço, haja vista que, para além de localizar onde estava o referido objeto, elas sinalizam a competência de fazer a leitura do mapa e identificar por meio dos símbolos onde elas se situavam, entendendo as informações contidas no instrumento apresentado.

Durante o período de desenvolvimento do projeto, buscou-se que as crianças pudessem se apropriar de novos conhecimentos geográficos, como identificar a localização, conhecer a rosa dos ventos e compreender os usos da bússola como instrumento, além disso, entender os signos cartográficos presentes no mapa, o que são os geolocalizadores e como podemos utilizá-los no cotidiano. Ao longo do processo, trabalhamos com os recursos da fotografia, vídeos, mapas e do globo terrestre, por meio das brincadeiras, como caça-tesouros e criação de símbolos de identificação. À medida que esses conhecimentos eram apreendidos, as crianças apropriavam-se da linguagem cartográfica, fundamental ao desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Uma experiência de letramento cartográfico compreende uma área do saber geográfico que na Educação Infantil é possível de ser desenvolvida “[...] a partir do conhecimento, por exemplo, das direções, tendo como pontos de referência o corpo ou o lugar de vivência” (Castellar, 2011, p. 133). Assim, pensamos que um ponto de partida é o trabalho com a indagação “onde?”, o que nos remeterá a questão da localização, ponto inicial para o desenvolvimento do pensamento geográfico. Perguntar às crianças o que elas pensam sobre onde ficam os lugares é importante para compreendermos que o princípio de localização já se faz presente nos pequenos, destacando que o termo “localização” será substituído, a princípio, pela expressão “onde fica”, em função de ser mais adequada à faixa etária em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização do projeto de sala, evidenciamos como as crianças foram conhecendo e se apropriando de palavras, seus sentidos e significados, ampliando vocabulários e também de conhecimentos conceituais, a partir dos elementos presentes no campo da geografia, tais como: oceano, mar, ilha, continente, rosa dos ventos, norte, sul.

Destacamos que durante a realização das atividades, foram trabalhadas duas frentes da alfabetização cartográfica, como nos explica Simielli (2006): a primeira, levando até as crianças os instrumentos cartográficos e, em um segundo momento, produzindo-os junto com elas.

Nesse ínterim, observamos que além de fazerem a leitura de imagens e elaborar desenhos com base nas observações e aprendizagens dos novos conceitos cartográficos, foi possível identificar como as crianças estabelecem as leituras de mundo a partir das vivências com a cartografia e a geografia.

Conversar com as crianças sobre localização dos lugares que existem, como por exemplo na escola ou no bairro, mobiliza conhecimentos sobre distância e proximidade. Juliasz (2017) ao tratar da relação entre Geografia e cartografia na Educação Infantil nos afirma que “[...] ao falarem sobre os lugares que compõem o todo, notamos a presença de palavras como *dentro* e *fora* expressando habilidades do pensamento de hierarquia espacial e desenvolvendo a noção de localização” (Juliasz, 2017, p. 106, grifos do autor).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D. JULIASZ, P.C.S. **Espaço e tempo na educação infantil**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

CASTELLAR, S. M. V. A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. *In*: ALMEIDA, R. D. **Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011. p. 121 - 135.

CASTELLAR, S. M. V. O letramento cartográfico e a formação docente: o ensino de geografia nas séries iniciais. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal9/Ensenanzadelageografia/Dese mpenprofesional/04.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2023.

CARVALHO, J. M. GONÇALVES, C. B. V. (2021). As crianças e suas fabulações. **Revista Digital Do LAV**, 14(2), 263–280. DOI: <https://doi.org/10.5902/1983734865448>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/65448>. Acesso em 15 ago. 2023.

DUARTE, R. G. Formação inicial docente em Geografia: a importância de situar a alfabetização cartográfica no contexto da alfabetização espacial. *In*: SALES, F. O. (Org.). **Cultura, Epistemologia e educação em ciências exatas e da terra**. São Paulo: Editora Atena, 2021. p. 110 – 119.

GOBBI, M. A. Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil. *In*: **Anais (...)**. I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais. Belo Horizonte, nov. 2010. 21 p.

JULIASZ, P. C. S. O pensamento espacial na Educação Infantil: uma relação entre Geografia e Cartografia. **Tese de doutorado**. USP, 2017.



JULIASZ, P. C. S. Pensamento espacial e iniciação cartográfica na construção do conhecimento geográfico. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 245-255, jan./jul. 2019. Disponível em: [tps://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/14317/11179](https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/14317/11179). Acesso em: 31 out. 2023.

MOREIRA, R. Uma ciência das práticas e saberes espaciais. **Tamoios**, São Gonçalo, v. 13, n. 2, p. 26-43, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/30458/22582>. Acesso em: 31 out. 2023.

PETSHC, C. BATISTA, N.L. HABOWSKI, J.T.V. ALTERMANN, F.A. SILVA, G.M. Mapeamento colaborativo como estratégia de ensino de cartografia: um relato de experiência com o aplicativo Canvis. **Revista Ensino de Geografia**. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/251657>. Acesso em: 9 set. 2023.

PROCURANDO Nemo. Direção: STANTON, A; UNKRICH, L. Los Angeles: Pixar Filmes, 2003. Duração 1h40m.

SIMIELLI, M.E.R. A cartografia no Ensino Fundamental e Médio. *In*: Carlos, A.F.A.A. **A geografia na sala de aula**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SOARES, Magda. SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. nº 25. p. 5-17. Jan./Abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRrZk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 jul. 2023.